

Corina Coaraci*

Eliane Vasconcellos

NASCEU EM WYANDOTTE CITY, HOJE KANSAS CITY, nos Estados Unidos, a 18 de abril de 1859. Filha da americana Mary Frances Lawe e do jornalista brasileiro, de Jurujuba (Niterói - RJ), Carlos Francisco Alberto de Vivaldi. Sua família transferiu-se para o Brasil, quando ela tinha dois anos de idade. Seu pai havia sido nomeado por Lincoln cônsul dos Estados Unidos em Santos (SP), radicando-se depois no Rio de Janeiro, como comerciante.

Segundo Maria Teresa Caiuby, o seu nome de solteira aparece como Corina Alberta Henriqueta Lawe de Vivaldi. Seu filho, o escritor Vivaldo Coaraci a apresenta como Corina Henriqueta Alberta Lawe de Vivaldi. Após casar com José Alves Visconti Coaraci, passou a ser conhecida por Corina Coaraci.

Ao completar seis anos, retorna na companhia materna para sua terra natal, onde estudou em Wisconsin, estado onde sua mãe nascera. Em 1869 volta ao Brasil e passa a freqüentar o Colégio Brasileiro, no Rio de Janeiro, um dos principais estabelecimentos de ensino

* A maioria das informações colhidas para esta biografia foi retirada do livro de: COARACY, Vivaldo. Todos cantam sua vida. Memórias da infância e adolescência. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959, p. 52-65. Publicado em Escritoras brasileiras do século XIX: Antologia. Zahidé Lupinacci Muzart (org.). Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 801-808.

feminino na época, dirigido pela educadora Florinda Fernandes. Foi aluna brilhante e concluiu o curso com medalha de ouro em 1874.

Para completar a educação que recebera no colégio, estudou línguas, literatura, pintura, música e canto. Corina era dotada de uma bela voz mezzo-soprano e, por esta razão era freqüentemente convidada a participar de concertos beneficentes, muitos realizados em prol da campanha abolicionista. Artur de Azevedo, a respeito de suas habilidades de cantora, faz o seguinte comentário:

Por este tempo, ouvi-lhe cantar a ária do Barbeiro Una voce poco fà com um talento capaz de fazer inveja à própria Biancolini, que era então a sua mestra. Que gloriosa cantora teria sido Corina Coaraci, se o destino a tivesse encaminhado para o teatro lírico!

De sua atividade como pintora temos notícias apenas de uma nota que saiu publicada em O Industrial, de 2 de maio de 1892.

As tintas vivas de sua palheta, ela as distribuía com mão de mestre pelos quadros que pintava; e o claro-escuro era perfeito, e nenhuma regra era postergada, e o bom-senso aliava-se à arte, a arte que era a forma, a arte que era o belo, a arte que tão bem ela compreendia, como fazia sentir.

Carlos de Vivaldi tinha por hábito realizar saraus, em sua residência, na Rua do Riachuelo, freqüentado por escritores, jornalistas, músicos e pintores. Foi assim que Corina conheceu seu futuro esposo Visconti Coaraci. Casou-se a 15 de junho de 1880, após ter enfrentado grande resistência materna, que se opunha ao matrimônio por ser o noivo, vinte anos mais velho. Deste consórcio nasceu apenas um filho, Vivaldo de Vivaldi Coaraci.

Colaborou ativamente na campanha abolicionista, participando de comissões cuja finalidade era angariar fundos para a libertação dos escravos. Mas sua atividade principal se fazia por meio da imprensa.

Sua atuação em nossas letras se deu por meio do jornalismo, não deixando nenhum livro de relevo. Estreou na imprensa em 1875, colaborando em periódicos fundados por seu pai no

Rio de Janeiro: Ilustração do Brasil (1878-1879) e South American Mail, escrevendo tanto em inglês quanto em português. Em 1877, passa a dirigir a Ilustração Popular, edição condensada da Ilustração Brasileira. Foi correspondente do Arauto, de Petrópolis, manteve a seção "Modos e Modas / Usos e Costumes" na Folha Nova, do Rio de Janeiro, e escreveu com regularidade na Gazetinha, também do Rio de Janeiro. Foi correspondente especial do The New York Herald (1888-1889), onde publicou uma série de artigos sobre o nosso movimento republicano. Desconhecia-se a autoria de tal colaboração, pois os artigos eram divulgados simplesmente com a informação: "do correspondente". José do Patrocínio, entretanto, identificou a autora e a convenceu a entrar para a redação da Cidade do Rio (1888), onde passou a escrever a coluna semanal "A Esmo". Daí transferiu-se para o Correio do Povo (1890-1891), dirigido por Alcindo Guanabara, e, depois, para O País.

Em 1891 regressa aos Estados Unidos, para tratar de interesses da família e como correspondente de O País, para onde enviou seus últimos trabalhos, a série de crônicas "No país dos dólares". Adoece em Nova Iorque e a conselho médico transfere-se para o sul do país, onde vem a falecer de embolia cerebral em 23 de março de 1892, em uma vila perto de Nova Orleans. Na ocasião de sua morte a Cidade do Rio, estampa o seguinte comentário:

Alta, de uma elegância esgalgada e nobre, firme pupila negra, a cabeça altiva, toucada por cheia cabeleira cor de asa de corvo, ela passava às três horas da tarde, à Rua do Ouvidor acima, em peregrinação pelas livrarias.

Às vezes, um menino lépido e fortezinho acompanhava-a: e assim, ao lado de uma criança, com o seu passo apressado e o seu arzinho de professora azafamada, despertava uma boa nota puríssima, brandamente casta de menagère às compras.

Esta senhora que eu, apenas, conheci de vista e através de seus escritos, e por quem tinha sincera admiração e respeito, era Corina Coaraci, que morreu nos Estados Unidos da América, há dois dias.

Creio que, nas letras brasileiras, ainda nenhuma senhora teve mais acentuada individualidade e nenhuma conseguiu, tão merecidamente, a colocação distinguida que lhe deram os jornais desta capital, por onde estrelejou a sua frase correntia e garbosa de cronista.

Sem acostumados pieguismos, esfalfamento reles de frasear apanhado em livros maus, e lirismos alambicados que estão em moda, as suas crônicas agradavam imensamente pela clareza e boa argumentação, quanto pela precisão e segurança dos termos.

Questões, por vezes, arriscadas, levaram-na à polêmica, mas nunca ela abandonou, medrosa, o perigo das represálias; ao contrário, chegou a demonstrar coragem não comum e grande soma de conhecimentos literários, prova incursa do seu devotamento à carreira abraçada.

Corina Coaraci foi, verdadeiramente jornalista. A sua frase e o seu amor pelas questões da época, o gênero a que se dedicou - crítica e crônica - documentam a índole da escritora. Faltou-lhe a paixão artística. Ela não deixa uma página de análise sutil, um lavor precioso de magoada impressão. Toda a sua obra é de luta, mesmo as mais literariamente preocupadas.

Fazendo justiça à sua minoria, que não parecerá na geração atual, manifestamos a sinceridade dos nossos sentimentos pela enorme perda da senhora que tão notoriamente, iluminou as colunas desta folha e de outros colegas com a luz do seu talento e do seu encantador espírito.

A Gazeta de Notícias de 2 de maio 1892, um mês depois de sua morte, lamenta:

Não é preciso dizer aos habitantes desta cidade, aos leitores de tantas folhas nossas o que valia o talento de Corina Coaraci. Nasceu especialmente para o jornalismo, tais eram as qualidades do seu estilo, correntio, fácil, sem deixar de ser vivaz e pitoresco, tendo a animação do pensamento e a seriedade dos instintos. Fugia à superficialidade e sabia pôr sempre alguma coisa em qualquer linha que escrevesse. Suas crônicas deixaram dela uma feição característica. Na propaganda, soube ter alma comunicativa e ardente. Sabia observar com exatidão e finura. [...]

A imprensa e as letras brasileiras não podem deixar de sentir a falta daquela moça tão distinta, tão inteligente, que a morte, para ser mais cruel, foi arrebatá-la longe das nossas plagas.

Corina Coaraci escreveu também uma peça teatral que só foi encenada depois de sua morte. Artur Azevedo, em 2 de fevereiro de 1897, diz que "para o Sant'Ana organiza-se uma companhia dramática sob a direção de Ismênia dos Santos, companhia que se estreará com um drama póstumo de Corina Coaraci, intitulado Moema". Entretanto, a peça não entrou em cartaz, porque dois ou três atores se despediram da companhia. Seguindo os comentários de Artur Azevedo ficamos sabendo que a peça Trim trim estreou no lugar de Moema. Em artigo de 8 de abril de 1897, publicado em A Notícia, Artur Azevedo informa ainda que:

Infelizmente não me será dado assistir à primeira representação da peça de Corina Coaraci. [...] Contraria-me cá não estar, porque - confesso - ardo em curiosidade de ver como a saudosa e malograda C. Cy. conseguiu fazer de uma peça em 4 atos e 9 quadros, aproveitando pura e simplesmente uma anedota da nossa tradição colonial. É verdade que essa anedota, ou, se quiserem, esse episódio é interessante e poético, mas é tão curto, que não atino como o dramaturgo mais engenhoso lograsse desenvolvê-lo sem evitar certa monotonia.

Todavia, confio muito no talento de Corina Coaraci, conquanto o seu único trabalho teatral, além deste que vai ser agora submetido ao juízo público, seja um drama tirado do Guarani, em colaboração com seu esposo, Visconti Coaraci, também falecido. Não confundam esse drama com o outro Guarani, que o mesmo escritor, de sociedade com L. J. Pereira da Silva, extraiu do mais ilustre dos nossos romances, e fez estrondoso sucesso quando representado no Provisório pela companhia Helle.

E a propósito: nos primeiros anúncios de Moema dizia-se que a peça era também de um romance de José de Alencar. Essa declaração é extravagante. A autora com quem entretive relação de amizade, algumas vezes, conversando comigo, se referiu ao seu drama e me afirmou que era trabalho original. Moema não figura em nenhum dos livros do grande romancista cearense.

Faltou a Artur Azevedo esclarecer que se tratava do famoso episódio do Caramuru, de Santa Rita Durão.

Em outro artigo (22 de abril de 1897), Artur Azevedo faz uma apreciação sobre o drama dizendo:

Ora, os nossos índios, que tão belo efeito fazem no romance e na poesia, são detestáveis no teatro, onde se pode evitar que tenham o aspecto ridículo de espanadores ambulantes. [...]

Acresce que é impossível reproduzir em cena, com a desejável exatidão, os usos e costumes dos nossos silvícolas, por mais que o autor, o artista e o ensaiador procurem aproximar-se da verdade, não poderão nunca lá chegar.

Corina Coaraci dedicou-se também ao texto didático e a traduções, além de ter exercido o magistério.

Normalmente se assinava C. Cy. e escrevia com vários pseudônimos: Condessa Augusta, Froufrou, Léo Leone, ou simplesmente C.

Sua atividade literária não se limitava a simples comentários ou a notícias de faits divers. Fazia crítica de arte, escrevia artigos de oportunidades e tomava parte nas tarefas comuns da redação. Entre seus artigos publicados na Ilustração do Brasil, além dos apresentados nesta antologia, destacamos um longo ensaio sobre a origem e o sucesso financeiro da família Rothschild; um relato sobre sonambulismo, extraído do livro *Un cas de somnambulisme* par Dr. Croissant; e traduções como a de *Uma alma para nascer*, de Alexandre Dumas e do conto de Andersen, "A sereia".

Escrita no período em que o Brasil amadurecia ideologicamente na solução dos seus grandes problemas políticos como o da emancipação dos escravos (Lei do Ventre Livre, do Sexagenário e, afinal, a da Abolição da Escravatura) e o da progressiva preparação republicana, a obra de Corina Coaraci chama a atenção da crítica, primeiramente, por fugir ao gênero mais comum da escrita feminina no século XIX - a poesia -, em que se "engajou" a maior parte das escritoras da época; e, depois, pelo possível cotidiano de sua linguagem, adequada à forma da crônica ou à de artigos ligeiros sobre fatos e personalidades culturais e, com muito mais interesse, sobre episódios e acontecimentos da vida do Rio de Janeiro.

Contemporânea de Machado de Assis, escrevendo crônicas no momento em que o grande escritor atingia a força criadora de seus romances, a perfeição de seus contos e a sutileza irônico-humorística de suas crônicas, Corina Coaraci deve ter sentido a emulação do mestre e se esforçou, por sua vez, por dar o melhor de si nas crônicas que começou a escrever a partir da década de 1870, como se pode ver numa pequena mostra aqui apresentada cronologicamente, a fim de permitir o acompanhamento da modificação de sua linguagem.

São possivelmente dessa época os textos encontrados no arquivo pessoal da escritora e também a crônica "A desconhecida", sobre Sara Bernhardt, cujo tema foi aproveitado ou traduzido de Catule Mendes; o conto, bem primário, "A mão e o diabo", que aproveita tema bastante conhecido na literatura fantástica e folclórica; e a crônica sobre D. Maria Velluti, por ocasião de sua morte. Atacada por Eloy, O herói, (pseudônimo de Artur Azevedo), Corina Coaraci sai em defesa da artista e com seu talento de cronista a serviço do social – em que se revelou de primeira linha –, chama atenção para os desvios da imprensa, que já naquela época procurava pôr em realce os temas escabosos, desviando-se do assunto principal. O ousado estudo sobre Giosué Carducci no qual se lê que nem mesmo "o cristianismo conseguiu implantar-se firme e absolutamente na mais íntima fibra da alma italiana", temperada "nas velhas tradições e nos antigos afetos romanos, latinos, etruscos e mesmo helênicos, imorredouros da alma popular", chega a tocar no assunto da separação da Igreja e do estado italiano, escrevendo que esse "afastamento dos padres e da influência romana das escolas primárias e das academias superiores foi a falta da plena liberdade de opiniões, de crenças, de impulsos nacionais". Em "Velázquez e Rubens", de 1878, a cronista ainda está presa ao dado biográfico, à linguagem dividida entre o poético e o prosaico, mas sob o signo de uma erudição livresca que, entretanto, não lhe impede alguns rasgos críticos, como na parte em que fala de um quadro de Velázquez:

Milão só possui de Velázquez um pequeno quadro, o retrato de um frade apenas, morto e no qual parece sentir ainda o calor da vida naquele momento apagada; é um primor de arte, pela largueza do desenho e a beleza do colorido, obtido com poucos elementos; os jovens campeões da escola moderna de coloristas freqüentes vezes param ante esta pequena tela na

galeria de Brera, e retiram-se com um suspiro, porque sentem que acabam de estar com um gigante da arte.

O mesmo se passa quando comenta a obra de Rubens, escrevendo que:

nas suas telas respira um vigor tal de desenho e de tintas que amedronta os mais vigorosos coloristas. A forma, a composição, o claro-escuro, os matizes, os contrastes de cores tudo nos seus quadros concorre para este efeito assustador.

Vê-se, por aí, que, a par dos dados livrescos, existem observações críticas e um conhecimento dos elementos da linguagem e da técnica da pintura, o que não é comum nos intelectuais da época.

Em "O protótipo de D. Juan", de 1879, ainda se vale do enciclopedismo para dar ao leitor uma boa visão das várias versões de D. Juan, visto principalmente através da versão musical de Mozart. Daí as suas palavras:

Apesar das numerosas obras escritas sobre o mesmo assunto, por tantos poetas que têm procurado mudar a fisionomia característica de D. Juan para lhe dar uma aparência mais humana, o povo conservou-se sempre fiel ao original e não se recorda nem aprecia outro. As imitações, as cópias desapareceram e o original conservou-se em todo o seu primitivo e singular brilho. É verdade que para conservá-lo sempre na memória de todos a música sempre maviosa, sempre fresca de Mozart vale mais do que a extravagante legenda espanhola, mais do que a comédia de Molina, mais do que os versos de Del-Ponte.

Na década de 1880 começa a série de crônicas a que deu o título de "A Esmo", revelando no título a própria natureza temática da crônica sempre à cata de fatos culturais e pitorescos da vida carioca. Na de 13 de junho de 1891, no momento em que se lutava para a consolidação da República, ela se diz repartida "Entre a política e a arte", escrevendo sobre as visitas de artistas estrangeiros, sobre a febre amarela, a revolta estudantil, os - como sempre - escândalos policiais, saindo em defesa da mulher e fazendo crítica de poesia, como a análise, fraca e impressionista, que fez do livro de Rosendo Moniz:

Dos versos, quase todos escritos há anos, pouco poderá dizer a cronista, que, confessa-o, não é do número dos que morrem de amores pela arte poética. Não se julga, pois, no caso de se entregar a detidas análises em um assunto contra o qual sente extraordinária prevenção. Se o espaço, porém, lhe permitisse, talvez transcrevesse um soneto dedicado à cantora Gargano, soneto de muita delicadeza de idéia e mimo de expressão.

Sabe, porém, a cronista que os versos todos, escritos em época durante a qual mais de perto conheceu o autor, encerram em si uma parcela da alma do poeta, uma parte do seu coração, e por isso julga-os inspirados. Um mérito lhes reconheci - o de serem sentidos, e sobretudo sinceros.

Finalmente, na seção denominada "No país dos dólares", de Nova Iorque, novembro de 1891, e publicada em O País, no Rio de Janeiro, em 17 de dezembro do mesmo ano, Corina Coaraci, já doente (falecerá no ano seguinte) procura traçar uma visão da cultura norte-americana. E se vale para isso de uma personalidade, de um jornalista que, não sendo identificado, funciona como uma personagem criada pela cronista para dar verossimilhança ao que queria dizer sobre a América do Norte. O "depoimento" é curioso por nos dar hoje uma idéia do estado de espírito do cidadão nova-iorquino no fim do século passado, como se pode ler abaixo:

Por trás das nossas exaltações e dos nossos abatimentos existe o nosso temperamento estável, aquele que nos produz esse irrequieto descontentamento que já observou e analisou, esse insaciável desejo de "alguma coisa melhor" que já fez de nós os conquistadores de um continente, os criadores de uma grande e poderosa nação, no curto espaço de três gerações de homens.

A cronista, entretanto, depois de "transcrever" o depoimento do "espírito culto e observador" nos dá a impressão da sua própria tristeza, falando-nos da "fadiga e do horror":

a da fadiga e do horror que se toma a todo esse steeple-chase de deveres e prazeres que se acotovelam em uma única existência, que poderia tomar por símbolo o trem-relâmpago, que em poucas horas me transportará daqui aos pinheirais da Georgia ou aos bayous da indolente e faceira Luisiana.

Quando da morte de Corina, Artur Azevedo, em artigo publicado no *Industrial*, depois de se referir a palavras desagradáveis que havia escrito sobre ele e se dizer magoado com a cronista, esquece seus sentimentos e assim se expressa:

Encantava-me aquela doce filosofia feminina, aquele tom quase sentenciosos, que disfarçava engenhosamente com os atavios da linguagem e o comentário gracioso dos fatos insignificantes da semana. A escrever, C. Cy sabia ser homem sem as grosserias do nosso sexo, e sabia ser mulher sem a pieguices do seu.

Vê-se, por aí, a inteligência dessa mulher que, no final do século XIX, soube lutar pelos direitos dos oprimidos e, como cronista, registrar os fatos culturais mais pitorescos que animavam o país.